

# Três ondas para fazer a terra seca produzir

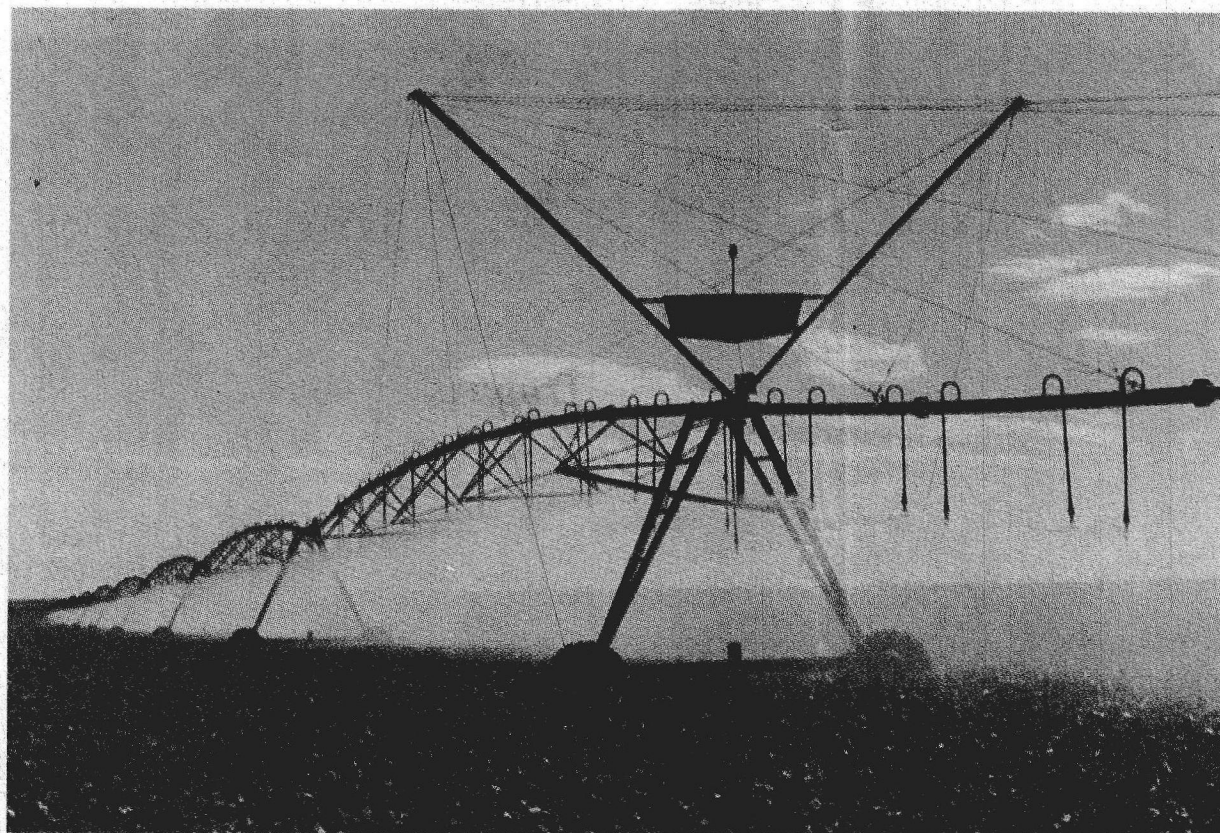
Distribuição da terra a políticos, chegada dos japoneses nos anos 60 e mecanização em 70 marcam a história da agricultura candanga

Maurício Sampaio Diniz  
de Brasília

Nos 5,9 mil km<sup>2</sup> de Cerrado destinados a formar o território do Distrito Federal, a atividade agrícola começou a se desenvolver a partir de 1957, quando o então presidente Juscelino Kubitschek, ainda despachando do Rio de Janeiro, determinou a transferência de recursos para o governo de Goiás realizar uma ampla desapropriação de terras. Pelos planos originais, as áreas destinadas à agropecuária no DF deveriam ser vendidas a quem tivesse vocação para o plantio e estivesse disposto a tornar produtivo um solo ácido e com escassos recursos hídricos.

Mas os planos originais foram, em grande parte, alterados, afirma o produtor rural Ivan Corrêa, que em 1961 comprou 480 hectares na região de Taboquinha, no núcleo rural de São Sebastião, para criar gado de corte. Corrêa foi um dos poucos a conseguir no DF terra escriturada. O governo de Goiás cumpriu sua missão, adquirindo cerca de 60% das terras que hoje compreendem o DF. Mas todo esse patrimônio, no acerto de contas com o governo federal, foi repassado para a Novacap, empresa criada com a função de demarcar e distribuir loteamentos rurais e urbanos.

Assumiu a presidência da Novacap o então senador mineiro Israel Pinheiro - aliado político e amigo pessoal de Juscelino Kubitschek - que entregou a maior parte das áreas rurais para parlamentares e altos funcionários do governo, que haviam sido recentemente transferidos para Brasília. "Todo senador, deputado ou funcionário público em cargo estratégico tinha a sua chacarezinha", afirma Ivan Corrêa. Tal situação, segundo ele, retar-



Evandro Matheus

Os pivôs de irrigação são de grande utilidade para driblar o clima seco do Distrito Federal

dou o desenvolvimento agrícola do DF. As pessoas que receberam esses lotes rurais estavam mais interessadas em construir piscinas e churrasqueiras e, com isso, o que deveria ser uma zona de produção de alimentos se transformou num imenso parque de recreio, acrescenta Corrêa. A concentração de terras em mãos de quem não sabia e nem queria produzir acabou estimulando a invasão dessas áreas por pessoas do ramo agrícola. No Planalto Central, conta Corrêa, a invasão de terras era cultural, prática que não era comum nas regiões litorâneas do País.

Israel Pinheiro, ainda à frente da Novacap, foi então obrigado a fazer um reordenamento dessas áreas, que passaram a ser arrendadas a agricultores profissionais.

Assim, o único núcleo rural

do DF em que as terras foram vendidas aos produtores é o de Alexandre Gusmão, formado pelo Incra em 1964, durante o governo Castelo Branco, ocasião em que era forte o movimento popular para que a capital voltasse a ser o Rio de Janeiro. "Mas os militares decidiram manter Brasília", lembra Ivan Corrêa. Por essa ocasião, os agricultores do DF já estavam organizados em torno de uma associação, criada em 1963, que, três anos depois, foi convertida no atual Sindicato dos Produtores Rurais do Distrito Federal, que obteve o status de federação de agricultura em 31 de maio de 1995.

Nos demais núcleos rurais que foram se formando, as terras eram cedidas pelo governo aos produtores em regime de arrendamento. Atualmente, cerca de 3 mil propriedades rurais no Dis-

trito Federal ainda estão nessa condição, um fator que, segundo Corrêa, também contribuiu para emperrar o avanço da produção agrícola. Isto porque a propriedade arrendada não servia aos bancos como garantia para financiamentos.

## Chegam os japoneses

Ainda nos anos 60, as autoridades do Distrito Federal foram buscar em São Paulo imigrantes japoneses que queriam terras para plantar hortaliças e frutas. Até então, a atividade rural no DF estava restrita à pecuária bovina em sistema extensionista, predominante também no restante da região Centro-Oeste. A família de Saburo Onoyama, vinda do município de Bastos (SP), foi uma das primeiras a chegar, atraída pela promessa do governo de concessão

de terras e crédito para plantio. Corrêa, que conviveu com os Onoyama, conta que eles receberam uma chácara em Taguatinga, cujo solo era muito ácido. "Era uma terrinha muito ruim mesmo", garante Corrêa. Decepcionado, Saburo Onoyama foi reclamar a Israel Pinheiro, que - segundo Corrêa - não se fez de rogado: "Vê se eu vou dar terra boa para japoneses. Vocês (referindo-se aos imigrantes japoneses) estão acostumados a plantar em terra ruim e até fazem isso muito bem".

Com técnicas apuradas de adubação, os imigrantes japoneses transformaram o solo do DF e foram responsáveis pela formação de um cinturão verde com capacidade, na época, para abastecer integralmente Brasília. A chácara Onoyama, por exemplo, tornou-se um parque produtor de morangos, flores e plantas ornamentais de primeira qualidade, afirma Corrêa. Ele explica que os imigrantes japoneses quebraram o rígido modelo pecuário do DF e criaram um novo ciclo agrícola na região.

## Os gaúchos

Agricultores gaúchos, principalmente, auxiliados por paranaenses e catarinenses, iniciaram o terceiro ciclo agrícola do DF: o do plantio mecanizado de grãos. Eles começaram a chegar no início da década de 70. Na maioria, lembra Corrêa, eram filhos de agricultores que não tinham terras em seus estados de origem, mas possuíam máquinas, equipamentos e conhecimento. Muitos deles tinham formação superior em agronomia. Receberam terras em regime de arrendamento na região denominada hoje de Padeff (Projeto de Assentamento Dirigido do DF). Com dificuldades para obtenção de crédito, os

produtores do Sul tiveram inicialmente de investir recursos próprios para plantar soja, milho, sorgo e feijão.

O atual presidente do Sindicato Rural do DF, Nuri Andraus - que por essa época também começou sua atividade agrícola - lembra que não havia incentivos por parte do governo para a agropecuária. E os índices de produtividade das lavouras dos produtores do Sul eram muito baixos se comparados aos obtidos nas terras férteis do Oeste paranaense, por exemplo. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) ainda não havia desenvolvido variedades de soja ou milho adequadas às condições do cerrado. "A soja ainda não havia sido tropicalizada e eram usadas variedades apropriadas para clima temperado", explica Andraus.

Segundo ele, o rendimento das lavouras de soja no anos 70 era entre 12 e 20 sacas de 60 kg por hectare. Hoje, acrescenta Andraus, nenhum produtor de soja do DF colhe menos de 40 sacas por hectare. No entanto, os agricultores do Sul compensaram o baixo rendimento de suas lavouras com o uso da mecanização, facilitada pelas terras planas do Centro-Oeste. "Com a chegada dos gaúchos, o DF saiu da agricultura de enxada e ingressou na modernidade", destaca Corrêa.

Atualmente, aos 71 anos de idade, o mato-grossense Ivan Corrêa se dedica à pecuária de corte em sua fazenda de 3 mil hectares - a Aquidauana - localizada em Unaí (MG). Tornou-se também um pesquisador da história agrícola da região Centro-Oeste, tendo publicado diversos artigos sobre o tema em jornais e revistas especializadas na área rural.